

## MULHERES NEGRAS NA SOCIEDADES DE CONSUMO: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS DE ENEGRECIMENTO

### BLACK WOMEN IN THE CONSUMER SOCIETY: REFLECTIONS ON BLACKENING

### MUJERES NEGRAS EN LA SOCIEDAD DE CONSUMO: REFLEXIONES SOBRE LOS PROCESOS DE ENNEGRECIMIENTO

Gioconda de Sousa Silva Lima<sup>1</sup>  
Laura Susana Duque Arrazola<sup>2</sup>

#### Resumo

O presente estudo buscou entender as relações entre enegrecimento, embranquecimento e cultura de consumo para as mulheres negras. Para tanto, considerou-se a bibliografia existente, e o procedimento metodológico privilegiado foi a realização de entrevistas semiestruturadas com uma amostra não probabilística. A análise foi inspirada na teoria das práticas discursivas, cujo sentido também aponta para uma tomada de consciência que modifica percepções de situações vivenciadas, e para a compreensão da importância de movimentos de fortalecimento do enegrecimento como forma de resistência. A pesquisa propõe ser também um instrumento de descoberta do enegrecer como autoafirmação para a luta antirracista, com vistas à contribuição para um novo processo de educação e socialização na sociedade de consumo.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Enegrecimento. Cotidiano. Consumo.

#### Abstract

The present study sought to understand the relationships between blackening, whitening and consumer culture for black women. Therefore, the existing bibliography was considered and the privileged methodological procedure was to conduct semi-oriented interviews with a non-probabilistic sample. The analysis and discussion were inspired by the theory of discursive practices and meaning production and point to an awareness that modifies perceptions of lived situations; There is an understanding of the importance of strengthening and blackening movements as a form of resistance. The research proposes to be an instrument of self-affirmation promotion for the anti-racist struggle, aiming at contributing to a new process of education and socialization.

**Keyword:** Black Women. Blackening. Daily life. Consumption.

#### Resumen

El presente estudio buscó comprender las relaciones entre el ennegrecimiento, el blanqueamiento y la cultura de consumo para las mujeres negras. Para este propósito, se consideró la bibliografía existente y el procedimiento metodológico preferido fue realizar entrevistas semiestruturadas con una muestra no probabilística. El análisis se inspiró en la teoría de las prácticas discursivas, cuyo significado también apunta a una conciencia que cambia las percepciones de las situaciones experimentadas, y a la comprensión de la importancia de los movimientos para fortalecer lo ennegrecimiento como una forma de resistencia. La investigación también propone ser una herramienta para descubrir lo ennegrecer como una autoafirmación de la lucha antirracista, con miras a contribuir a un nuevo proceso de educación y socialización en la sociedad de consumo.

**Palabras clave:** Mujeres Negras. Ennegrecimiento Cotidiano. Consumo.

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela UFPE, Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela IBGM/UNIBRA, Mestrado em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social pelo UFRPE. E-mail: [gioconda.sousa@gmail.com](mailto:gioconda.sousa@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0838-8487>

<sup>2</sup> Graduada em Sociologia pela Pontificia Universidad Javeriana, mestrado em Sociologia Rural pela UFPB e doutorado em Serviço Social pela UFPE. Professora do Departamento de Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE E-mail: [lsduquearrazola@gmail.com](mailto:lsduquearrazola@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Entre as relações sociais desiguais da histórica sociedade capitalista e suas modalidades contemporâneas como sociedade de consumo estão as relações sociais de classe, de gênero e raciais. Embora distintas, compartilham particularidades que se refletem, também, nas relações e práticas de consumo, seja de forma evidente ou não.

Em junho de 2019, ano de conclusão e defesa da dissertação que originou o presente artigo, foi publicado o *Atlas da violência*<sup>3</sup> oriundo de amplo levantamento realizado em conjunto pelo Ipea<sup>4</sup> (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O estudo analisou informações sobre os homicídios que aconteceram entre 2007 e 2017 no Brasil.

Enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 1,6% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%. Em números absolutos a diferença é ainda mais brutal, já que entre não negras o crescimento é de 1,7% e entre mulheres negras de 60,5%. (...) A desigualdade racial pode ser vista também quando verificamos a proporção de mulheres negras entre as vítimas da violência letal: 66% de todas as mulheres assassinadas no país em 2017. O crescimento muito superior da violência letal entre mulheres negras em comparação com as não negras evidencia a enorme dificuldade que o Estado brasileiro tem de garantir a universalidade de suas políticas públicas. (Ipea & FBSP, 2019, p.38-39)

A ideia da universalidade da humanidade parecia enfim ter abrangido também o povo negro, ainda que paulatinamente, nas colônias americanas e do Caribe, na medida em que a escravidão foi sendo abolida. Em 1888, o Brasil, o último país escravocrata, teve assinada a lei que libertava homens e mulheres escravizados. Nesse momento, o protagonismo das pessoas negras na luta abolicionista e no processo que culminou na assinatura da Lei Áurea foi apagado da História.

Num País cujo destino era ser branco e capitalista, os(as) trabalhadores(as) negros(as) foram exorcizados(as) da comunidade nacional e viram-se às margens de direitos sociais básicos. E não faltaram homens de ciência a responsabilizarem os(as) próprios(as) negros(as) por este destino miserável. (GONÇALVES, 2018, p.517)

Vivendo à “margem”, os homens e mulheres negras passaram a ser referência das piores características humanas. Vistos como preguiçosos, de caráter duvidoso, malfeitores; as mulheres eram consideradas ardilosas, sexualmente indóceis e, independentemente do

<sup>3</sup> O primeiro Atlas da Violência foi publicado em 2016 e levou em consideração as informações sobre homicídios que aconteceram entre 2004 e 2014. Os marcadores de gênero e raça podem ser observados na constituição da análise dos resultados.

<sup>4</sup> IPEA & FBSB. **Atlas da violência 2019**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

gênero, feios e perigosos. Em termos de beleza o ideal imposto e a ser atingido era o da estética branca, ou seja, algo impossível de ser alcançado pelas pessoas negras.

Esse processo de embranquecer, que nega caracterizar positivamente mulheres e homens em relação aos fenótipos próprios da raça negra e os altera para aproximar-se das características da raça branca, faz parte da sociabilidade do país e de outros países latino-americanos e do Caribe<sup>5</sup>. Os cabelos alisados, “o pregador no nariz<sup>6</sup>”, a dificuldade em se identificar como negro ou negra, tudo isso indica um processo de embranquecimento e genocídio da população negra. Embranquecer para ser aceito ou aceita. Embranquecer para ser referência de beleza. Embranquecer para poder trabalhar. Embranquecer para não morrer. Embranquecer ainda que esse processo seja adoecedor.

Na sociedade de consumo (expressão do desenvolvimento do capital) ao ampliar o consumo das suas múltiplas e variadas mercadorias e sua circulação, a exemplo do Brasil contemporâneo, o movimento de valorização/reconhecimento, de certo modo vinculado ao trabalho e à sua profissionalização a partir da escolarização, levou indivíduos e coletivo(s) a assumirem o *movimento da negritude*, de autovalorização como pessoas negras com seus traços raciais como a cor, os cabelos, o corpo, e os processos dos movimentos *de enegrecer*, o que foi transformando-se em um processo político de resistência de *tomar partido* pela *negritude*. Processo este que foi manifestando e revelando contradições que não eram tão perceptíveis, porém passaram a ser notadas na medida em que a dialética do capital e suas contradições atingia as novas gerações das pessoas negras. (GOMES, 2017; GOMES, DUQUE-ARRAZOLA)

Por outro lado, se o embranquecer reproduzia-se frente às diferentes formas da discriminação racial às pessoas negras, o próprio desenvolvimento urbano das cidades e os novos estilos de vida da sociedade de consumo que se constituíam, também reforçaram o embranquecer. Os avanços globalizados do desenvolvimento do capitalismo, sobretudo com essa *formação social* chamada de *sociedade de consumo*, em que os meios de comunicação foram de grande significado para os lucros e reprodução da cultura do consumo e os novos estilos de vida urbana contraditoriamente também incidiram, participando dele os processos de

<sup>5</sup> Nos Estados Unidos este processo de mestiçagem, resultado dos estupros dos senhores brancos, não considera os traços raciais brancos resultantes, pois na cultura racista norte-americana, qualquer traço racial negro faz da pessoa negra/negro. É a chamada “gota de sangue”.

<sup>6</sup> Pregador no nariz: Literalmente colocava-se um pregador de roupa no nariz da criança negra com o intuito de afinar o nariz ao longo do crescimento. Ter o nariz fino seria uma forma de negar a origem negra, parte do processo de embranquecimento e tentativa de aceitação social.

escolarização. Os meios televisivos, sua propaganda e publicidade veiculada, também influenciaram esse processo de embranquecimento.

Por muito tempo a produção científica foi quase uma exclusividade branca e masculina, e os estudos raciais não fugiam a essa regra. Assumir como mulher negra o lugar do sujeito da fala e dar voz àquelas/es que por muitos anos foram compulsoriamente objeto de pesquisa, mas não os agentes pesquisadores, é também um marco relevante que justifica a pesquisa que realizei com vistas à dissertação do mestrado que embasa este artigo.

Avançávamos na luta antirracista por, enfim, reconhecermos nossa negritude, percebermos quanto nossa sociedade era (é) racista, machista, homofóbica – embora tivesse um sistema de educação e de ensino, escolar e de nível superior, aparentemente unificador. Na contramão do avanço provocado pelos movimentos sociais brasileiros, temos atualmente um governo que minimiza tais violências e a existência do racismo em nosso país.<sup>7</sup>

Diante do exposto, o artigo tem o propósito de resgatar o protagonismo que tiveram as mulheres negras na história do país, além da preocupação em valorizar as vivências e elaborações de cada mulher que colaborou com a realização desta pesquisa. Elas são mais que entrevistadas, interlocutoras, colaboradoras que compartilham suas formas de estar no mundo e emprestam suas vozes para a variada composição desta “colcha de retalhos” que investiga processos de enegrecimento. A historicidade e as ressignificações tornam cada vivência única, e, por mais que pudéssemos falar com todas as mulheres negras, cada história seria diferente. Interessam-nos as peculiaridades dessas trajetórias, mas, sobretudo, aquilo que as une.

Considerando a inserção em uma cultura orientada pelo capital e sob forte influência do mercado, que usa o poder da mídia para manter a ordem social (branca, burguesa e patriarcal) vigente, a presente pesquisa buscou saber: *Quais os tensionamentos da cultura de consumo no embranquecimento e no processo de enegrecimento das mulheres negras?*

O artigo tem por objetivo apresentar o que mulheres negras entrevistadas entendiam como a relação enegrecer e a identidade negra, bem como embranquecimento e cultura de consumo para as mulheres negras.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/racismo-no-brasil-e-uma-coisa-rara-diz-bolsonaro-a-luciana-gimenez/>

## METODOLOGIA: CURSOS E INTERCURSOS

Em *Pesquisa qualitativa em sociologia* (1992), Teresa Maria F. Haguette considera a “história de vida” como um recurso metodológico da pesquisa qualitativa que revela a importância do vivido, conforme interpretado e exposto pelas interlocutoras. Sob esse olhar, não é só ouvir as vozes das interlocutoras mas também, e, principalmente, entendê-las como privilegiadas e localizadas enquanto lugar de saber; as práticas discursivas e a produção de sentidos se apresentam pois, como uma ferramenta metodológica que melhor contemplava os propósitos da pesquisa de dissertação. Em tempo, tais procedimentos apoiam-se na fenomenologia, a quem por sua vez, se fundamenta na compreensão das relações e não na sua explicação e muito menos os juízos de valor que possam ser atribuídos.

Nesse sentido, a fenomenologia proporciona o saber compreensão, que se fundamenta no rigor, pois procura valorizar o ser na sua singularidade, uma vez que se preocupa com o que se repete, com o que se manifesta.(...). O enfoque fenomenológico compreende o humano enquanto ser no mundo, na situação de estar lançado sendo presente e presença. (OLIVEIRA E SILVA, LOPES & DINIZ, 2008, p.256)

A pesquisa que embasou a dissertação foi de cunho exploratório-explicativo e de caráter qualitativo. A amostra foi não probabilística e do levantamento bibliográfico. De acordo com Antônio Carlos Gil em *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (2008):

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, [...]. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. (Idem, p.15)

Considerando não só a relevância dos discursos das interlocutoras, como também os sentidos atribuídos por elas às suas vivências, a teoria que inspira o olhar para os dados (a análise) foi se apresentando conforme essas falas foram sendo compreendidas. Saliendo ser uma aproximação inicial, as análises inspiram-se também em Mary Jane Spink.

Partindo do pressuposto que feminismo negro se configura como movimento que visa ao empoderamento, amparo social e resgate identitário das mulheres negras, a proposta deste movimento foi considerada na composição deste estudo. Com o intuito de garantir uma discussão socialmente não delimitada e inclusiva, participaram da pesquisa mulheres negras adultas<sup>8</sup>, em condição educacional e trajetórias diversas.

As entrevistas foram conduzidas pela própria pesquisadora, e vários foram os caminhos adotados para que fossem viabilizadas. Para sua realização, foi elaborado um roteiro

<sup>8</sup> Mulheres adultas: A ideia de restringir a pesquisa à participação de mulheres adultas, deve-se ao fato de haver a necessidade de maior investimento para o desenvolvimento ético e burocrático que exige uma pesquisa realizada com crianças.

semiestruturado, utilizado apenas como objeto disparador do conteúdo de interesse da pesquisa, inculido nas histórias de vida das interlocutoras. O levantamento bibliográfico que norteou o marco teórico-conceitual foi realizado em paralelo.

Como forma de garantir o sigilo, as interlocutoras, protagonistas desta pesquisa, escolheram o nome com o qual gostariam de ser identificadas. Assim, pude dialogar com Mar, Cecília, Socorro, Leona, Elza, Dandara.

## O ESTADO BRASILEIRO, AS LEIS E A RACIALIZAÇÃO SOCIAL

As instituições fundamentais para qualquer um de nós nos amoldam e nos constroem em certo sentido, seja pelo direcionamento explícito, seja pelo incentivo para a criação de disposições que irão construir o comportamento prático. (...) No Brasil, desde o ano zero, a instituição que englobava todas as outras era a escravidão, (...). Nossa forma de família, de economia, de política e de justiça foi toda baseada na escravidão. (SOUZA, 2017, p.39-40)

Em publicação de 1977, Abdias do Nascimento denuncia o genocídio do negro brasileiro, em livro homônimo. O autor desnuda o racismo brasileiro, destrinchando situações do cotidiano e revelando a real condição do povo negro no Brasil. Abdias refuta o mito do senhor benevolente, cujo tratamento dispensado às pessoas negras escravizadas seria humanizado e respeitoso. Ele aborda também, a violência sofrida pelas mulheres negras escravizadas, estupradas, assediadas e cuja culpa da “sedução” lhes impingiam.

Jacob Gorender (2011) coaduna com as denúncias de Abdias Nascimento e, ao falar sobre os escravos dos serviços urbanos, aborda outra forma de violência sofrida pelas mulheres negras escravizadas. Além das violações sexuais por parte direta dos senhores, havia ainda a sujeição à prostituição, que contava com a garantia e anuência da Justiça.

As mulheres continuam sofrendo violências constantes, o machismo continua a tentar aprisioná-las, seja pelo medo de mais violência, seja pela violência sendo perpetrada. As mulheres negras continuam sendo hipersexualizadas, violentadas e culpabilizadas. Elas continuam na base da pirâmide social, servindo, muitas vezes, de escada para que outras e outros possam ascender. As mulheres continuam sendo mortas e a culpa continua recaindo sobre elas.

Na sociedade contemporânea brasileira, também entendida como sociedade de consumo, um dos *bens de consumo*, a mulher negra miscigenada, a *mulata*, tem sido objeto do desejo (com valor de uso e de troca) e exploração pela indústria do turismo. Cultuada pelos

estrangeiros e produzida visualmente pelas propagandas do turismo sexual<sup>9</sup>, até com exposição de fotos para a escolha da jovem acompanhante.

Dialogando com Abdias Nascimento, Clóvis Moura fala sobre a relação entre a quantificação do povo preto no Brasil e a relação com a representação da brasilidade. Segundo Moura, isso tem impacto direto na autoafirmação do povo negro, diuturnamente negada.

Embora não tenhamos possibilidades de estabelecer o número exato de africanos importados pelo tráfico, podemos fazer várias estimativas. Elas variam muito e há sempre uma tendência de se diminuir esse número, em parte por falta de estatísticas e também porque muitos historiadores procuram branquear a nossa população.[...] A apuração da nossa realidade étnica excluiria o branco como representativo do nosso homem. Daí se procurar subestimar o negro no passado e a sua ressignificação atual. (MOURA, 1992, p.9)

“Um país estagnado”, pesquisa realizada pela Oxfam, publicada em 2018, apresenta dados relacionados às desigualdades sociais, apontando tanto para a estagnação quanto para os efeitos da política fiscal na distribuição de renda. O estudo, que usa o coeficiente de Gini (que considera a renda domiciliar per capita) e vem sendo acompanhado desde 2002, apresentou não só estagnação na diminuição das desigualdades como o aumento da população em situação de pobreza. Considerando o destaque racial, as desigualdades são também visíveis:

A média geral da renda da metade mais pobre da população era de R\$ 749,31 em 2016, sendo que brancos pobres ganhavam em média R\$ 882,23 e negros pobres R\$ 634,6670. Em 2017, a média geral para esse grupo era de R\$ 804,35, de modo que brancos da metade mais pobre ganhavam R\$ 965,19 enquanto negros dessa faixa recebiam R\$ 658,1471. Nesse período, negros pobres ficaram ainda mais pobres, com redução de cerca de 2,5% de renda, enquanto brancos seguiram direção oposta, com incremento de quase 3% de renda. (OXFAM, 2018, p.20)

Para além dos mitos que nos perpassam, das cegueiras oriundas do senso comum, da cordialidade ou da inevitabilidade dos conflitos, os dados (apresentados pela Oxfam) são frutos de um coeficiente e parte de um estudo em andamento há alguns anos. A informação está posta. A desigualdade tem cor e gênero, precisamos parar de contar histórias (ou seriam estórias?) que as retroalimentam. Pensar desigualdades é pensar e produzir desconfortos, seja pelas dificuldades inerentes e que esbarram na nossa condição humana, seja pela

<sup>9</sup> Chamamos atenção para a necessidade de cuidado frequente com a temática, visto que, no dia 25 de Abril de 2019, o então presidente Jair Bolsonaro, durante um café da manhã com jornalistas, afirmou que o Brasil não poderia ser um país que favorece o turismo de pessoas homossexuais por termos aqui, famílias, mas “quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade”. O comentário gerou repercussão pelo incentivo ao turismo sexual. Vale salientar que a partir do comentário do presidente, várias capitais do país lançaram campanhas contra a exploração do turismo sexual. Disponível em [https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro\\_e3fc1683369c71b5e887a6ed79493e4d680thtcd.html](https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro_e3fc1683369c71b5e887a6ed79493e4d680thtcd.html) e também em <https://oglobo.globo.com/brasil/apos-declaracao-de-bolsonaro-sobre-tema-estados-lancam-campanhas-contraturismo-sexual-23642854>.

necessidade de pensar lugar de privilégio. E, diante desse pensar, abrir mão das benesses é tarefa árdua.

Agnes Heller, ao falar sobre o preconceito no cotidiano, ratifica uma vivência histórica para os povos oprimidos em geral, e especificamente para o povo negro na sociedade brasileira. O racismo sobrevive no Brasil em meio a um processo constante de negação de sua existência, justificado pelo mito da democracia racial fruto da mestiçagem que povoou o país.

De acordo com Jessé de Souza, é quando a internalização e a introdução de determinado “mote” passa a ser parte do cotidiano de uma sociedade que se apropria dele. Para o autor, esse seria o desenho do estabelecimento de um imaginário social nacional, como o mito da democracia racial. A efetivação do imaginário social ou da identidade nacional, é elemento fundador para união da camada dominante, mas também impacta na identidade individual.

Adalberto Cardoso (2010), ao escrever sobre as relações entre o trabalho e as desigualdades na sociedade brasileira, buscou no período escravocrata um argumento que tenciona a discussão considerando a relação entre a luta de classes e raça. Ao longo do período escravocrata, evidenciou-se não apenas o estabelecimento de uma ordem social que privilegiava as pessoas brancas como também marcava posições e atividades laborais. Todas as atividades físicas, os trabalhos mais pesados, mais difíceis (considerando a limpeza, por exemplo) eram destinados às pessoas negras e escravizadas.

Em primeiro lugar, no regime escravista os criados tinham de ser escravos. Observou Vilhena que os portugueses chegados ao Brasil como criados ou criadas, cedo se davam conta que isto era aqui ocupação de negros e mulatos, recusando-se a continuar no serviço doméstico. (...). Seriam comparados aos escravos se aceitassem trabalho tão aviltante. (GORENDER, 2011, p.461)

A liberdade, o fim da escravidão, não foi um sinônimo de aquisição de cidadania para os negros, visto que, conforme dito, a própria humanidade ainda é questionada. Não como dado científico, é verdade, mas como forma de manutenção de poder. Poder este que em exercício numa sociedade de consumo, ameaça trocar a cidadania pelo status de consumidor, conforme problematiza Marilena Lazzarini (2007).

## NEGRITUDE E CONSUMO NO PROCESSO DO ENEGRECER

Na dinâmica contraditória do capital, na sociedade de consumo com sua *cultura do consumo*, o mercado disponibiliza a “todos/todas” suas mercadorias, os bens de consumo objetos do desejo dos homens e mulheres das sociedades concretas. Cada vez mais dá-se a

aparência de um mercado que iguala a todos no desejo do uso dos bens/mercadorias. Entretanto, não é possível realizar a relação de troca por todos os consumidores. Segundo Sansone, “durante muito tempo o consumo foi algo de que a maioria dos negros era excluída — principalmente os escravos. Proibições em relação ao consumo (ostentoso) destinavam-se a desumanizar e a marcar a exclusão” (2000, p.88).

Conforme Marilena Lazzarini (2007), há (novamente) necessidade de mudança no padrão de consumo. A autora afirma que o referencial de consumo que se tinha dentro de uma comunidade e que muitas vezes estava atrelado à relação de solidariedade, convivência e organização social está sendo perdido e substituído pelo referencial exposto nas telas de TV, computador e/ou smartphones.

Para a população negra, essa discussão se faz ainda mais complexa, pois antes mesmo de ser invisibilizada racialmente pelo mercado enquanto consumidora, teve a própria cidadania negada. A invisibilidade da população negra para o mercado é perpassada pelos mitos e preconceitos que fundamentam o racismo (velado), estruturam a sociedade e ajudam a manter a ordem social vigente.

Em consonância com o que chama atenção Lazzarini a partir de suas vivências ao trabalhar com o direito dos consumidores, anos antes, em 1999, Otávio Ianni, no artigo intitulado “O príncipe eletrônico”, teorizava a respeito. Neste, o autor faz uma relação entre as mudanças de paradigmas onde a sociedade passa a atuar como um mercado e o cidadão passa a ser apenas consumidor e o papel das mídias nesse processo.

O que singulariza a grande corporação da mídia é que ela realiza limpidamente a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania. Realiza limpidamente as principais implicações da indústria cultural, combinando a produção e a reprodução cultural com a produção e a reprodução do capital; e operando decisivamente nas formações de “mentes e corações” em escala global. (IANNI,1999, p.17)

O uso da publicidade pelo Estado não é estratégia nova e tampouco restrita ao Brasil. Como dito anteriormente, a propaganda fora maciçamente usada nos períodos de guerras e pós-guerras. Não obstante, considerando o território brasileiro, a publicidade foi mecanismo útil para a diminuição das distâncias e a disseminação das informações em nível federal.

As relações de exploração e dominação continuam a se fazer presentes, embora agora, sejam emolduradas pelas vastas campanhas publicitárias. Não se pode negar a crescente presença das pessoas negras nas publicidades, mas se faz necessário e urgente questionar os papéis representados e os espaços ocupados nessas publicidades.

## MULHERES, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. (CARNEIRO, 2003, p.50)

O movimento feminista perpassou gerações, escravaturas, ditaduras e tornou-se, como as mulheres – brancas - que o fundaram, um movimento em que a classe e a raça passaram a criar e fazer sentir os posicionamentos como hegemônicos.

Por terem o cotidiano, de modo geral, diferente, as mulheres negras não compartilham, por exemplo, da necessidade de uma bandeira de luta que permita o trabalho fora de casa. Ainda conforme dito por Sueli Carneiro (2003), essa é uma bandeira empunhada pelas mulheres brancas, que eram mantidas por seus homens brancos, seus pais e posteriormente por seus maridos, e cabia a eles prover o lar e a família. Tal bandeira não concerne à luta das mulheres negras, por estas estarem, ao longo de sua trajetória, atuando também externamente, fora do âmbito privado. As mulheres negras escravizadas, trabalharam nas plantações dos brancos; libertas, lavavam e passavam as roupas das famílias brancas. Inicialmente escravizadas, posteriormente mal remuneradas e ainda assim provedoras.

Havia também, dentro do feminismo, barreiras erguidas pela cultura e os regionalismos. Os estigmas que recaiam sobre as mulheres negras as mantinham distantes das mulheres brancas. Estigmas e mitos manipulados com esse fim, de impedir a união das mulheres mantendo o imaginário machista de que os estupros eram relações consensuais e provocados pelas mulheres negras.

Elas foram, sucessivas vezes, impedidas de exercer a feminilidade, seu corpo não lhes pertencia. Elas não eram uma pessoa, eram uma coisa. Daí o uso-consumo masculino do corpo da mulher negra e das que posteriormente foram chamadas de trabalhadoras do sexo. A escravidão terminou, mas a coisificação do corpo da mulher negra perdura no tempo atual. Criou-se em torno da mulher negra o estigma da sexualidade exacerbada e do poder de sedução.

Essa mulher, cujo corpo é desejado, serve para o coito, não mais forçado, mas ainda assim, mantém-se escondido. De acordo com Pacheco (2013), a mulher negra além da objetificação e sexualização, enfrenta ainda a solidão. Ela encontra parceiros para o sexo, mas

para uma relação “às vistas”, esbarra em bastante resistência. Seja do homem branco, que quando a deseja não a assume, seja do homem negro, que quando ascende econômica e socialmente passa a se relacionar com mulheres brancas.

Entendendo como a mulher negra é percebida pela sociedade e o lugar por ela ocupado, o mercado de trabalho se apresenta como mais uma forma de expressão dessa ordem social. Na maioria das situações a mulher negra está na base da pirâmide social, seguida pelo homem negro, pela mulher branca e pelo homem branco, o qual ocupa o topo. Em algumas situações o homem negro pode alternar posição com a mulher branca (diante da luta de forças: racismo x machismo), mas a mulher negra geralmente estará na base e o homem branco no topo.

Nesse ponto de encontro entre gênero e raça, sexismo e racismo, a mulher negra se “destaca” no movimento negro e no movimento feminista, empunhando sozinha uma bandeira especificamente sua. Nesse pioneirismo, nascido pela necessidade de enfrentamento ao preconceito racial e de gênero, é cunhado no movimento feminista negro, na década de 1970, o conceito de Interseccionalidade, visto que as formas de subordinação das mulheres não são restritas ao gênero, segundo Conceição Nogueira, citada por Topa, Nogueira e Neves (2013).

Kimberle Crenshaw (2002) apresenta a necessidade de um entendimento de dois fenômenos de preconceito que operam juntos e diminuem (consideravelmente) as chances de sucesso das mulheres negras no mercado de trabalho<sup>10</sup>.

Para Maria Aparecida Silva Bento, o modo coletivo de organização em resistência tem como finalidade a efetiva mudança de paradigma, que pode ser entendida como mudança da ordem social vigente, que passaria a ser mais igualitária. O pleno exercício da cidadania, com igualdade de oportunidade e garantia da manutenção da vida acabariam, portanto garantidos por essa ordem mais igualitária.

Por muito tempo, os estudos sobre a identidade ficaram relegados a segundo plano, ou eram realizados em contextos mais reflexivos, subjetivos, como no caso da psicologia. Como dito anteriormente, a modernidade propiciou a quebra de alguns paradigmas, e esse é um deles. Manuel Castells, por exemplo, aprofundou os estudos sobre esse tema tendo, inclusive, publicado um livro.

<sup>10</sup> Segundo dados publicados pelo IPEA (2011), cerca de 26,8% dos domicílios são chefiados por mulheres negras. O documento afirma ainda: “a cada vez mais desigual proporção, aponta para uma maior e crescente vulnerabilidade nas condições de habitação das famílias chefiadas principalmente por mulheres negras.” (p.31) A informação fornecida pelo IPEA, nos obriga a uma imediata associação aos trabalhos relegados, de modo geral, às mulheres negras. São subempregos, atividades de exigência física e pouco intelectual, atividades operacionais, enfim, empregos cujos salários são os mais baixos. Salários baixos, família para manter, obrigações a cumprir, acabam culminando numa maior precariedade de moradia, de alimentação, segurança, saúde, enfim, baixa qualidade de vida das mulheres negras e seus familiares.

Kabengele Munanga lança mão do que apresenta Castells sobre as identidades e insere a questão racial (considerando a vivência brasileira) no contexto da discussão. De acordo com Munanga, o conceito de identidade vem atrelado à concepção da existência do diverso, do diferente, e chama atenção para a relevância dessa percepção.

Observar-se-á que o encontro das identidades contrastadas engendra tensões, contradições e conflitos que, geralmente, prejudicam o processo de construção de uma verdadeira cidadania, da qual depende também a construção de um Estado Democrático, no sentido de um Estado de direito no qual os sujeitos têm a garantia de seus direitos. [...] A tese é a de que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela má percepção que os outros têm dela, ou seja, uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer um prejuízo ou uma deformação real se as pessoas ou sociedades que os rodeiam lhes devolverem uma imagem limitada, depreciativa ou desprezível deles mesmos. (Taylor, Charles: 1998:45-94). (MUNANGA, 2012, p.05)

Neusa Santos Souza, à luz da teoria psicanalítica, vem trabalhar as questões da identidade para as pessoas de raça negra, considerando o contexto de dominação reforçado pelos autores citados, na qual a ordem social vigente é branca e excludente. O estudo conduzido e publicado por Souza ("Tornar-se Negro", 1984) investigava a ascensão social dos negros e identificou a massificação do processo de embranquecimento e negação da identidade negra.

A história da ascensão social do negro brasileiro, é assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço de reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação. (SOUZA, 1983, p.23)

Situando a discussão do conceito de identidade dentro de um mundo globalizado, em que o poder do mercado se faz cada vez mais presente, Nestor Garcia Canclini em *Consumidores e Cidadãos* (2010, p.30) reflete: "Vamos afastando-nos da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a consumir".

A reflexão proposta pela afirmação de Canclini é mais uma provocação, considerando a limitação de acessos ao consumo de bens por parte (maior) da população negra. Uma das dificuldades encontradas ao longo do levantamento bibliográfico para amparo teórico da pesquisa foi encontrar textos científicos que versassem sobre o enegrecimento. O próprio entendimento do que vem a ser o enegrecimento não é consensual. Para o encaminhamento da pesquisa base deste artigo, partiu-se do entendimento de Enegrecimento como um ato político de apreensão da identidade negra.

Enegrecer o mundo, eis nosso motivo. Enegrecer não como antônimo de embranquecer, portanto não para absorver o branco. Enegrecer, maneira própria de os negros se porem no mundo ao receberem o mundo em si. Enegrecer, face a face em que negro e branco se espelham, se comunicam, sem deixar de ser cada um o que é. (SILVA,1987, p.147)

Nesse sentido, discutindo sobre *O que é Empoderamento* (2018), em livro homônimo, Joice Berth pontua a respeito da importância do empoderamento para a transformação social e alerta para o risco do uso do termo pelo capital. Para a autora, empoderamento é “um fator resultante da junção de indivíduos de que reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais”. (Idem, p.42)

Tal elucidação deve-se não apenas ao fato da inexistência do consenso, como também ao fato de ter havido uma apropriação dos discursos de empoderamento negro pelas indústrias, ou seja, pelo capital, e assim esse discurso ser reproduzido pelas mídias. Tal propagação leva ao pensamento reducionista de haver maior enegrecimento por parte das pessoas negras, mais especificamente, as mulheres negras, por assumirem seus cabelos crespos e/ou cacheados.

De fato, o crespo dos cabelos das mulheres é alvo da cultura racista desde sempre. Inicialmente, como fator embranquecedor, era alisado; atualmente para negar o embranquecimento sem que haja o empoderamento e o reconhecimento da identidade negra e da negritude, há a valorização dos cacheados.

A diferença é sutil.... Há uma oferta maior de produtos específicos para os cabelos crespos, não se pode negar, mas a proporção dos produtos para cabelos cacheados, é muito maior. Mais uma vez, a diferença é sutil. Cabelos cacheados, pessoas brancas também os têm, mas os crespos são próprios da negritude.

Dessa forma, manter os cabelos crespos naturais não significa dizer, necessariamente, que aquela pessoa assumiu sua identidade negra, enegreceu. Esse é um passo importante para a mudança, para negação do embranquecimento e aceitação da negritude. Mas, muitas vezes, o processo não se estabelece, e dá-se apenas uma adaptação do cabelo à tendência da moda pela cultura do consumo.

Enegrecer é bem mais que reconhecer-se como pessoa negra e, manter os cabelos crespos naturais. Enegrecer é ato político, é postura política que perpassa, além da manutenção e aceitação das características físicas raciais, é um posicionamento no enfrentamento ao racismo e no compromisso com o povo negro.

O fato de não se dizer negro é mais profundo do que o simples escamoteamento da cor da pele e dos traços físicos, é tentativa de esconder que descendem de pessoas que a sociedade considera não-humanas. (...). Estaria salvando-os da não-humanização, por conter em si o humano para a sociedade, o branco. Para tentar se humanizar, os negros que não se dizem negros, se desumanizam. Para retomar em suas mãos a direção humana de sua identidade, não basta ter consciência de que vivem cobertos por uma que lhes foi outorgada. É preciso assumir a dor dilacerante de ter sido, e ser ainda

escravo e exilado, objeto usado e jogado, e se dispor com todos os negros, a cavoucar a margem brasileira do fosso que nos separa dos avós africanos escravizados e dos irmãos que lá na África estão. (SILVA, 1987, p.147)

A autora Patrícia Hill Collins (2019) fala sobre a importância da autodefinição (reconhecimento da negritude) pelas mulheres negras como uma estratégia de combate ao que o ideal colonizador “define” sobre e o local a elas destinado. Segundo a autora, embora marginalizado, o lugar ocupado pelas mulheres negras é um lugar de potência. Collins complementa trazendo o feminismo negro como ferramenta na elaboração de estratégias para que seja possível sair desse lugar de opressão.

Joice Berth, em livro já citado, refere-se a outra pensadora negra, Lélia Gonzalez, já referenciada nesta dissertação. De acordo com Berth, Gonzalez chama atenção para a importância de valorizarmos a luta contra a opressão e não a opressão em si. A mudança de percepção a qual atenta Gonzalez, favorece que outras potencialidades possam ser percebidas e estratégias sejam elaboradas. A autora destaca ainda as possibilidades de (re)existência a partir da autodefinição.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que ressegure o respeito, as diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1984, p.77)

O enegrecimento se firma como esse termo de coalizão de forças; de resgate da autoestima, de manutenção da vida, de respeito aos que vieram antes (a ancestralidade), de reconhecimento de pares... O enegrecimento é também lugar de colisão, lugar de enfrentamento pela tomada de consciência. É quando se pode perceber a manipulação e a recorrente necessidade de manter a ordem social como está, e ir de encontro a ela.

## **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: OS DISCURSOS E OS SENTIDOS PRODUZIDOS**

Pensando na melhor forma de trazer os discursos que contemplam as vivências e as formas com as quais as interlocutoras lidaram com o meio que as cercava, as discussões serão apresentadas em subtópicos, conforme foram conduzidas as conversas. Cabe ressaltar que a temática abordada trouxe, em quase todas elas, uma emoção incontida, que perpassava a trajetória e ecoava o presente.

## As origens familiares e a consonância social

Para retratar as realidades vivenciadas por cada interlocutora, lançamos mão da questão social e financeira que nos é apresentada logo no início da conversa, colocando-a com um marcador que define, de certa maneira, não apenas seu acesso aos bens materiais, mas às relações em si.

A protagonista Elza traz a dimensão da criança negra nesse contexto do trabalho, que também foi vivenciada pela protagonista Socorro, cujo primeiro emprego, aos 12 anos, foi como empregada doméstica. A exploração do trabalho infantil era muitas vezes camuflada como uma brincadeira. As filhas das empregadas domésticas eram introduzidas no mundo do trabalho nas casas das patroas das suas mães, muitas vezes com o pretexto de irem brincar com as/os filhas/os do patrão, conforme dito por Sueli Carneiro (2003).

Interlocutora Elza:

Com 9 anos eu comecei a ir para o Mercado de São José vender bolsa, bolsa de plástico com a minha mãe e aos 11 anos eu já estava trabalhando como babá. Recebia, mas não ficava, dava a minha mãe. Recebia pouco, era uma gratificação.... Com 15 anos eu pensei em voltar a estudar. (...). Minha mãe ela trabalhava numa casa como lavadeira por muitos anos, e ela casou-se saindo de lá. Minha mãe estava com 12 anos. E continuou lá na casa, na casa grande como se fala, né? E lá tinha muitos filhos, essa pessoa, essa patroa dela e quando a gente foi crescendo a gente foi sendo empregada das filhas. Pagava pouco, não pagava um salário não... E com 15 anos eu cismeiquei que queria voltar a estudar. Conheci um grupo de meninas que trabalhavam no prédio e elas

estudavam, eu digo, "eu também quero!". Ahhhh! Grande foi o BO. A patroa disse que eu não ia não, estudar não, porque ela ia pras Pás [popular clube de Recife], na sexta-feira e não podia com as meninas porque eu dormia com as meninas até final de semana, levava elas pra casa. Era relação de exploração, mas elas diziam que era relação de confiança...

A partir da fala de Elza, o contraste social e cultural fica evidente quando ela relata o casamento de sua mãe aos 12 anos de idade. Vale salientar que sua mãe, além de trabalhar desde a tenra infância, casou-se pré-adolescente, sendo seu pai um pouco mais velho.

A família, por se colocar como o primeiro grupo social com o qual o sujeito interage, em muito contribui para a forma com a qual a pessoa se vê e se coloca no mundo.

- Racismo e potência adoecedora

Um dos momentos mais delicados da conversa foi falar diretamente sobre situações de racismo. Empaticamente, falamos sobre situações vivenciadas por elas ou por outras pessoas, mas que de alguma forma, as tocou. Trazer uma terceira pessoa para a conversa foi uma forma de falarmos sobre algo que ainda hoje poderia provocar dor, sem que fosse necessariamente obrigatório trazer essas vivências na primeira pessoa.

Interlocutora Mar:

Eu não vejo que “Ah, que bom que eu fui uma criança negra”. Eu vejo “que bom hoje que eu sou uma negra com um certo nível de conhecimento do que é ser mulher negra”. Mas isso não quer dizer que doer menos, isso quer dizer que eu aprendi a lidar com a dor, que é diferente de doer menos. E hoje eu entendo onde é que dói. Antes eu entendia que estava doendo, mas eu não entendia onde era que doía. Hoje eu consigo identificar onde é a dor, porque é a dor e porque ela tá doendo, né? Então, assim, há algumas defesas que a gente faz até pra esses algozes, né? Que de forma voluntária ou não, acabam sendo os principais. Depois disso, tem a questão da escola, que a escola ela é tão violenta quanto o primeiro núcleo que é a família.

Essa dor tão recorrente que acompanha a protagonista Mar, embora tenha sido nomeada na vida adulta, começou ainda na infância. O racismo camuflado, que se fazia presente em gestos e olhares, podia ser visto e percebido pela criança Mar, como foram percebidos por tantas outras crianças negras, que percebiam a não adequação da situação, mas não sabia como nomear aquilo. O que corrobora com o que foi dito por autores como Abdias Nascimento (1978) e Jessé Souza (2003) ao falarem sobre os mitos que constituem a nossa sociabilidade e a impossibilidade de falar sobre a existência do racismo, contribuindo assim para a sua permanência; e Agnes Heller (2000), ao discutir cotidianidades e a criação de mitos pela dominância social para que esta ordem não seja alterada.

- Pressão social e embranquecimento

Interlocutora Leona:

Sou a filha de uma empregada doméstica, a primeira filha formada da minha mãe, com ensino superior, sou a sexta filha de cinco irmãos, quatro irmãos e uma irmã.... Sou professora. E ainda sou uma negra metida porque fiz Letras em Inglês. Adoro literatura, adoro arte, adoro música... E... meu pai é branco, porém, ele morou comigo até o início da minha fase adulta, não foi um pai muito bom...

A interlocutora Leona, ao falar sobre o seu pai e sobre si, traz o marcador racial muito bem definido. Ela atribui a si a raça negra e ao pai a raça branca, mas sobre a mãe, ela não diz a qual raça pertence, porém, diz qual é a sua profissão. A omissão da identificação racial da própria mãe apresenta, em contrapartida, uma atenção à profissão dela, que para muitos causa vergonha por ser culturalmente desqualificada.

O discurso da protagonista Leona também evidencia os sentidos atribuídos à função de empregada doméstica. Trabalho necessário, desvalorizado e que é designado às pessoas negras. Ao falar o trabalho realizado por sua mãe estava subentendida a sua raça. Adalberto Cardoso (2010), ao discutir trabalho e sociabilidade brasileira, aborda essa reflexão, assim como Clóvis Moura (1988), ao tensionarem o papel - o lugar - do povo negro na sociedade brasileira.

É importante salientar que nem sempre esse embranquecimento ocorre de modo consciente. Na verdade, na maioria dos casos, o embranquecer é visto como algo normal. Situações de embranquecimento fazem parte do nosso cotidiano e estão tão inseridas em nossa sociabilidade que não são percebidas como sinais de embranquecimento e negação da negritude, desse modo desconhecendo-a como postura política.

- Feminismo e Processos de Enegrecimento

Interlocutora Elza:

Sou negra, sou feminista, participo de fórum e rede de mulheres faço parte do controle social(...). Essa questão, né? Da identidade da gente, né? De se assumir como negra, não é fácil, né? .... Passei por várias coisas... Preconceitos, o preconceito racial permeia principalmente a gente que somos mais desenvolvidas, que somos mais empoderadas, né? De saber de onde a gente estamos (sic) e aí a gente sofre muito, a questão do preconceito racial é grande. (...). É muito difícil, hoje eu consigo falar isso com mais tranquilidade, antes eu chorava muito, mas quando eu chegava em casa, chegava acabada, deprimida mesmo porque a gente sabe que a gente é gente, é igual, que a gente é capaz, mas... A gente passa por isso. Mas a partir do momento que eu faço parte da ONG (...) que eu faço várias atividades, que eu saio, eu vou pras caminhadas, eu participo de tudo eu vejo que eu não tô sozinha... E quando a gente tá junto das outras, a gente se fortalece...

O Feminismo Negro e a rede por ele constituída representam papéis importantes para a protagonista Elza. Ela atribui à rede formada pelas mulheres negras, um espaço de cuidado coletivo que perpassa conhecimento, fortalecimento e autocuidado. Mais que enfrentamentos

ao racismo e ao sexismo, a rede favorecida pelo feminismo negro, atua no sentido de manutenção da vida.

Dialogando mais uma vez com Sueli Carneiro (2003), a respeito do feminismo, esse foi difundido sob bases embranquecidas, visto que as demandas que compunham as pautas eram específicas das mulheres negras. Diante disso, surge o feminismo negro, cuja interseccionalidade, de acordo com Kimberle Creshawn (2002), atende às demandas das mulheres negras que não encontravam, na sua especificidade, consonância no Movimento Negro e nem no Movimento Feminista.

- Práticas de Consumo

Interlocutora Cecília:

No meu caso, não. Eu não sou muito de moda, eu não sigo moda.... Eu visto o que eu gosto o que eu achar que está bem em mim eu vou e faço. Eu não sou de comprar porque está na mídia ou fulano comprou eu vou comprar, não. (...) No passado até me influenciava, mas não tinha recurso. Hoje mesmo tendo, se não for a minha "vibe", não vou comprar...

A protagonista Cecília, por sua vez, mostra-se atenta às tendências da moda, mas não se sente influenciada por elas. Embora esteja pensando em mudar os cabelos para um dos estilos que está em evidência no momento, essa pressão exercida pelas pessoas que compõem seu círculo social, não é determinante para o seu engajamento frente a tal mudança.

Há na fala de Cecília forte referência ao marcador de classe, cuja limitação financeira cerceava o acesso a determinados bens de consumo que extrapolassem o essencial para a sobrevivência. As dificuldades vivenciadas por ela impactam em seu comportamento enquanto consumidora. É importante salientar que Cecília se percebe em melhor situação financeira do que a vivenciada durante a infância e adolescência, ainda que seja, no momento da conversa, a única provedora do lar.

A discussão sobre as práticas de consumo neste estudo em especial, precisa olhar com atenção para a situação social e financeira das mulheres participantes. Como fora dito por algumas delas, a infância foi marcada pela condição de vulnerabilidade social; para uma delas, de extrema pobreza. Os bens expostos estavam inacessíveis, seja pela condição social que demandava a opção pela aquisição de alimentos para manutenção da vida, seja pela impossibilidade de escolha, visto que roupas e calçados eram peças herdadas de familiares mais velhos ou mais abastados, ou oriundas de doações.

A protagonista Elza, por sua vez, embora tenha vivenciado situação de vulnerabilidade extrema, adota prática diferente:

Eu acho assim, muito massa quando a gente vai para as atividades e sempre tem as feiras, né? Como eu posso dizer... das roupas, os adornos, brinco, colar, muitos adereços, né? Da gente, da nossa cor, do que a gente é, nós negras. (...). As meninas vendem e assim, todas as vezes que elas vai (sic) com blusa, eu compro. Porque a gente precisa fortalecer essa coisa do artesanato e da vestimenta (sic) nossa, da nossa origem.

Elza busca valorizar não só a identidade negra, visualmente expressa em suas roupas, adereços e cabelo. Ao priorizar o consumo do que é produzido por seus pares – mulheres negras e feministas – ela contribui para a manutenção e sobrevivência delas, favorece o movimento *black money*<sup>11</sup> e a difusão da estética.

Diante da temática das práticas de consumo material e imaterial, a protagonista Leona aborda caminhos que nos fazem refletir sobre a contemporaneidade quando traz para a nossa conversa, a influência das *blogueiras* e *youtubers*. Para além das campanhas tradicionais, a moda é bastante difundida pela legião de influenciadoras e influenciadores que produzem conteúdo para internet.

11 Movimento que busca o incentivo do fortalecimento da relação entre quem produz e quem compra. Neste caso, o que é produzido por pessoas negras seria consumido por pessoas negras.

No avançar do processo de enegrecimento há a possibilidade de perceber a própria falta de identificação com pessoas que, anteriormente, ocupavam lugar de referência. O consumo/uso passa a ter uma postura, um significado e orientação da dimensão racial do objeto material e ou imaterial, ainda que não esteja presente de forma evidente.

Os discursos e sentidos produzidos pelas protagonistas Leona e Elza se encontram quando as práticas de consumo são atravessadas pela questão social, ou melhor, pela visão que a sociedade tem do povo negro, o que as leva à posição diferente frente à negritude e sua significação no uso e consumo de objetos. Ainda que em perspectivas diferentes, são situações que vinham sendo vivenciadas e reproduzidas por anos.

Em síntese segue um quadro descritivo que aproveita os aportes das interlocutoras, reveladores do seu processo de enegrecimento e sua postura política imbricada pelas relações raciais, de classe e de gênero:

#### Quadro 1: Síntese das categorias e discursos consonantes

| Síntese das categorias e discursos consonantes |  |
|--|--|
| Categorias ampliadas                           | Discursos compartilhados   |
| As origens familiares e a consonância social   | Cecília: “Assim... Sempre foi muito apertado, na época que morava com minha mãe até então começar a trabalhar como doméstica, tudo, era tudo meu pai, né? Que arcava. Então ele ficou desempregado [...]”<br>Dandara: “O nome da madrinha também é Dandara, e o nome da filha da madrinha, que minha mãe foi babá, também é Dandara. E aí, tem essa relação familiar de trabalho doméstico, braçal, rural.”  |
| Racismo e potência adoecedora                  | Leona: “Eu comi o pão que o diabo amassou, perdi minha sanidade mental. (...). Fiquei deprimida? Fique! Tive crise de depressão, e ainda mais um diagnóstico de ansiedade...”  |
| Pressão social e embranquecimento              | Elza: “Eu vivia dando chapinha, vivia dando massagem no cabelo, botando bobs, pra ver se... Porque o pessoal vivia dizendo que o cabelo era ruim, então eu vamos botar alguma coisa pra melhorar [...]”  |
| Feminismo e processos de enegrecimento         | Socorro: “Eu entro no processo da ONG para trabalhar e ajudar na sustentação da família, porque lá tinha um grupo [...] O Núcleo de Promoção da Mulher, era onde as mulheres trabalhava por um aumento de renda [...]”<br>Dandara: “Aos 18 anos a gente terminava o ensino médio e ia trabalhar, com carteira assinada, e ali se encerrava a proposta de vida acadêmica. Mas eu terminei o ensino médio e isso não rolou, bati em várias portas, fiz curso de informática básica que era a necessidade daquele momento, daquela conjuntura, e eu percebendo que não rolava. Várias portas que eu batia e não rolava. Várias lojas com aquela plaquinha ‘deixe seu currículo’ e não pegavam o meu.” |
| Práticas de consumo                            | Mar: “A roupa pra mim, ela tem um significado muito forte [...], mas não com tanto significado no sentido do valor, no sentido da marca. Eu não vou me vestir pela marca eu sempre me visto por identificação.”  |

Fonte: Elaborado pelas autoras

## CONCLUSÃO: FINALIZANDO E NOS DESPEDINDO

Para além das diversas trajetórias e, os diversos formatos familiares, de fato, a contribuição e o sentido altruísta se fazem presentes, mas não são a força principal a motivar a participação, que é garantida pela mesma força que me impulsionou a fazer a pesquisa e que me permitiu chegar até elas.

A possibilidade de contribuir com a mudança, com o fortalecimento e reconhecimento de outras mulheres negras ao poderem se ver, ao se identificarem com essas histórias; contribuir com a mudança usando a própria história, compartilhando vivências. Esses foram os diferenciais que nos uniram a um projeto e cujos investimentos viabilizaram não só a execução e a finalização desta pesquisa, mas sobretudo apreender as vivências de mulheres negras, o processo e a postura do enegrecer.

Diante de tantos enfrentamentos cotidianos (as impossibilidades de ir e vir, a segurança, os adoecimentos físicos e psíquicos, as preocupações com quem ficou ou não chegou...) e das variáveis governamentais que impactaram diretamente o público que se pretendia atingir, esta pesquisa se apresenta como um ato de resistência. Ou melhor, como mais um ato de resistência nosso. O plural empregado aqui não diz só de mim ou daquelas que estão aqui, mas das que vieram antes de nós e das que estão por vir.

A partir da escuta dos diálogos, ainda que considerando uma aproximação inicial, foi possível compreender melhor os discursos e os sentidos produzidos por elas. Em alguns momentos, era perceptível que os caminhos do diálogo provocavam elaborações discursivas e sentidos; em outros, havia um resgate dos sentidos daquele momento resgatado pelo discurso de enegrecer.

Essas elaborações e verbalizações traziam uma força que muitas vezes era percebida pelo tom da voz, pelo ajeitar-se na cadeira, pelas lágrimas que insistiam em rolar mesmo numa face mais retraída. Essa força, esses sentimentos ora de incômodo, ora de tristeza, ora de coragem e orgulho, refletem os impactos da inserção do povo negro, retratado pelas protagonistas, em uma sociedade de consumo embranquecedora, classista e sexista.

Cabe a nós o entendimento do porquê é difícil traçar uma linha do tempo e falar sobre enegrecimento de forma linear. É fruto também dessa cultura, precisarmos passar por processo de enegrecimento, mesmo tendo nascidas negras. Pelas vivências das mulheres que protagonizam a pesquisa, o reconhecer-se negra traz consigo implicações de perceber-se também em um universo racista.

Assim, há, ao longo do desenvolvimento do texto, a expectativa de entendermos as relações entre a identidade negra, o embranquecimento e a cultura de consumo para as mulheres negras, sendo este o objetivo da pesquisa.

Como já foi dito, os processos de enegrecimento são peculiares e, de modo geral, não lineares e impactam nas práticas de consumo por significarem também, maior apropriação de si. Sendo assim, não necessariamente essas práticas de consumo terão uma ligação direta evidenciando a negritude, mas a negritude de cada uma delas embasa esse consumo. A influência externa faz menos sentido para elas quando estão mais apropriadas. A tomada de consciência está acima da identidade negra ou do ser mulher (fortalecido pelo feminismo), ela denota uma consciência de si.

Ficou bastante evidente pelos resgates das vivências das protagonistas o quanto o embranquecimento, mais fortemente com foco no alisamento dos cabelos, foi impulsionado pela publicidade e mídias em geral.

As lembranças recorrentes da participação de pessoas negras nas publicidades são para os cosméticos capilares. Todas elas tiveram seus cabelos alisados, pelas mais diversas motivações, seja para ser aceita, para ser igual, seja para sentir-se bonita. Em todas elas, o ideal de beleza branco era o padrão a ser atingido. Característica cruel do embranquecimento, que para atingir um ideal inatingível (uma pessoa negra nunca será uma pessoa branca), impõe a negação e o rechaço das características negras.

Perceber as confluências ou oposições entre as ações de autorreconhecimento da negritude pelas mulheres negras, foi o terceiro objetivo específico e faz a relação entre o enegrecimento e o estar no mundo. A forma com a qual esse autorreconhecimento se relaciona com as questões do cotidiano, ultrapassa as das práticas de consumo, sendo, talvez, o item que tenha ficado menos evidente ao longo da construção desse texto, embora, ele perpassasse todas as narrativas aqui contidas.

A começar por mim, a pesquisadora, cujo desejo de realizar um projeto pensado dez anos antes, só veio a se concretizar quando da tomada de consciência sobre a minha própria negritude. Para mim, que **sou negra** antes mesmo de ter essa noção de raça, o enegrecimento é um processo de estar no mundo de forma mais combativa, tem relação com uma atuação política que resulta nesta produção (inicial).

Para as demais mulheres, as protagonistas, as confluências e oposições ficam evidentes nos discursos que às vezes resvalam na reprodução do racismo, nos cansaços dos enfrentamentos diários. No questionamento quanto à justiça, que não se apresenta para todos;

nas dores que transbordam em lágrimas quando as memórias são acessadas; na dificuldade em reconhecer e/ou nomear as próprias vivências racistas.

A grande conversa contida neste texto e que busca alinhar as vivências das protagonistas tentando entender, dentro de cada percurso, aquilo que as une e o que as torna únicas, não pretende sanar todas as questões que possam ter sido suscitadas. O diálogo com essas mulheres não foi esgotado, podemos retomá-lo num outro momento, adensando as discussões sobre os mesmos temas ou incluindo outros.

Mais que atingir os objetivos estabelecidos, responder uma pergunta ou propor novos estudos, a presente pesquisa, é válido reforçar, coloca-se como ferramenta de suporte, visando contribuir com as pessoas negras, auxiliando nos processos de enegrecimento, autorreconhecimento e tomada de consciência, através das vivências compartilhadas pelas narrativas aqui contidas.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. Mulher Negra no Mercado de Trabalho. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 479, jan. 1995. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16466/15036>>. Acesso em: 17 fev. 2016

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** São Paulo, Editora Letramento, 2018.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Trad.: Maurício Santana Dias. 8. Ed. 1a. reimp. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2010.

CARDOSO, Adalberto. **A Construção da sociedade do trabalho. Uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. Rio de Janeiro, Editora FGV/Faperj, 2010.

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: ashoka empreendimentos sociais; Takano cidadania (Orgs.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: **Takano Editora**, 2003. p. 49-58. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000076&pid=S0104-026X200600030001200003&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000076&pid=S0104-026X200600030001200003&lng=en) Acesso em: 01 mar.2016

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume II. São Paulo. Ed. Paz e Terra. 1999.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. Boitempo Editorial, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Revista Estudos Feministas**, nº1, 2002.

---

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ªed. São Paulo. Editora Atlas. 2008.

GOMES, Claudia Ferreira Alexandre. Identidade negra e o consumo de cosméticos afro. Claudia F. A. GOMES Recife, 2017, 176 f. (Dissertação)

GOMES, Claudia Ferreira Alexandre; DUQUE-ARRAZOLA Laura Susana. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência, ABPN nov. 2018 – 2019 v. 11 n. 27 (2019). Disponível em:  
<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revista/index.php/revistaabpn1/issue/view/30>.

GONÇALVES, Renata. Quando a questão racial é o nó da questão social. R. Katál., Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 514-522, set./dez. 2018 ISSN 1982-0259

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. Versão com algumas modificações, da comunicação “The Black Woman’s Place in the Brazilian Society”, apresentada na “1985 and Beyond: A National Conference”, promovida pelo African-American Political Caucus e pela Morgan State University (Baltimore, 9-12/agosto/1984).

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo, Ed. Ática, 1978. 5ªed. Fundação Perseu Abramo, 2011.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3ª edição. Petropolis, Ed. Vozes, 1992.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo. Editora Paz e Terra. 2000.

IANNI, Octávio. O príncipe eletrônico. **Perspectivas**, São Paulo, 22: 11-29, 1999.

IPEA & FBSB. **Atlas da violência 2019**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

LAZZARINI, Marilena. O papel do movimento de consumidores frente aos desafios do consumo. In.: **Desafios do Consumo**. Org. Ricardo Mendes Antas Jr. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes, 2007.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. 3 ed. São Paulo, Editora Ática, 1992

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, Identidade, Etnicidades e Cidadania. Relações Raciais e Direitos Humanos, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA e SILVA, Jovânia Marques de; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. **Rev Bras Enferm**, Brasília 2008 Rev Bras Enferm, Brasília 2008 mar-abr; 61(2): 254-7.

---

OXFAM. **País estagnado: Um retrato das desigualdades brasileiras 2018**. Brasil, Oxfam, 2018.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: ÉDUFBA, 2013.

SANSONE, Livio. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. Rio de Janeiro, **Mana**. v. 6, n. 1, p.87-119, Abril, 2000.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Formação da identidade e formação no Limoeiro. **Caderno de Pesquisa**, (63) Nov, 1987.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: Da escravidão à lava jato**. Ed. Leya, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro** ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1983.

SPINK, Mary Jane P. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Org. Mary Jane P. Spink. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane P. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. ISBN: 978-85-7982-046-5.

TOPA, Joana; NOGUEIRA, Conceição & NEVES, Sofia. Feminismos e estudos imigratórios: contribuições da teoria da interseccionalidade no domínio da saúde materna. In: **Romper as fronteiras. A interseccionalidade nas questões de gênero e feministas**. Magalhães e Alvarez (org.) Portugal: APEM (Associação Portuguesa de Estudos sobre Mulheres). 2013.